

Sonia Guzzi



Pimenta, Alecrim
& Palavra



livronovo

Esta obra é uma publicação da

Editora Livronovo Ltda.

CNPJ 10.519.646/0001-33
www.livronovo.com.br
© 2009. São Paulo, SP

Editores-responsáveis

Fabio Aguiar
Zeca Martins

Projeto gráfico

Fabio Aguiar

Capa

Zeca Martins

Diagramação

Equipe Livronovo

Revisão

Raquel Benchimol

Catálogo na Fonte. SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros.
Rio de Janeiro, RJ

V715I

Guzzi, Sonia

Pimenta, alecrim e palavra – São Paulo: Livronovo, 2009.

100 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-62426-45-2

1. Romance. 2. I. Título

CDD – 230

Ao adquirir um livro você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar boas ideias em realidade e trazê-las até você.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser copiada ou reproduzida por qualquer meio impresso, eletrônico ou que venha a ser criado, sem o prévio e expresso consentimento dos editores.

Impresso no Brasil. Printed in Brazil.

SUMÁRIO

A INICIAÇÃO	7
O ENCONTRO	11
LEMBRANÇAS DE UM AMOR	15
A INQUIETAÇÃO	19
O RETORNO	21
DONA NENA	23
REDESCOBRINDO O AMOR	27
A DESCOBERTA	31
A DESOLAÇÃO	35
A DESISTÊNCIA	39
A ÚLTIMA ESPERANÇA	43
A REVELAÇÃO	47
RECOMEÇANDO	51
SUGESTÕES E RECEITAS DE DONA NENA	57

A INICIAÇÃO

Elizabete estava sentada no banco que ficava ao redor de uma mesa de madeira, no quiosque, ao lado de uma praça.

Esperava o pedido que fizera de leite com chocolate. Ela gostava de aquecer seu corpo todas as manhãs, com aquela bebida cheia de pequenos pontos escuros e de espuma.

Na mesa ao lado, um jovem casal se enroscava em carícias, conversando baixinho. Do outro lado, um senhor de meia idade, cabelos grisalhos, gestos elegantes, lia atentamente o jornal. Perto da caixa registradora, um jovem alto, pele clara, barba por fazer e com um cachecol colorido no pescoço esperava o seu desjejum em pé, como se estivesse com muita pressa.

Quando a xícara fumegante daquela delícia branca e escura chegou, Elizabete tirou discretamente de sua bolsa um pacotinho com canela, pimenta e alecrim, e adicionou-os à xícara.

Em seguida, abaixou a cabeça e repetiu muito discretamente a palavra que recebera de sua mãe, e ela de sua avó.

Novamente, como acontecia todos os dias, aquele ritual proporcionou um acolhimento gentil, como se estivesse recebendo um demorado e caloroso abraço.

Certa vez, ela perguntara à sua mãe qual era o significado daquele misterioso hábito.

Nessa época, tinha aproximadamente dez anos de idade.

Sua mãe olhou, sorriu e disse que era para protegê-la nas lutas da vida.

Mais tarde, quando fez dezoito anos e foi incumbida de assumir o ritual de sua linhagem, sua mãe esclareceu:

– Filha, hoje, assim como minha mãe, vou contar a sua história. Você nasceu Elizabete porque este nome significa “consagrada a Deus”. De hoje até seus últimos dias na terra, despertará a vida na purificação do alecrim sob as bênçãos da deusa-mãe Demeter. O perfume da canela protegerá o útero que geme, no nascimento que já se anuncia, sob as bênçãos da deusa Juno. A pimenta imperiosa que queima, exigindo atenção imediata, aliada ao alecrim que purifica, acordará a justiça nas lutas pela vida sob as bênçãos da deusa Ártemis, em nome do poder feminino do universo. Assim está escrito e nada mudará o seu destino. Eu te abençoo em nome de todos os úteros nos ventres que te precederam. Que assim seja.

E pronunciou a palavra sagrada.

Delicadamente, dona Nena pegou um pequeno punhado de terra de uma panela de barro, colocou na palma das mãos e assoprou, chamando a força da terra através da Amazônia.

Em seguida, pegou duas pequenas garrafas, uma azul e outra vermelha. Quando tirou a rolha das duas, uma fumaça azul e vermelha saiu dos frascos e, com espanto, Elizabete sentiu a terra tremer.

Um som intenso reverberou no ouvido das duas mulheres, e então elas se sentiram pequenas como um grão de areia e, em seguida, imensas como a própria terra. Depois, um sentimento de amor compassivo tomou conta de tudo.

Por um breve momento, um amor profundo e extraordinário esqueceu a própria humanidade. Uma brisa suave movimentou a longa túnica dourada que Elizabete usava pela primeira vez.

A partir daquela noite no altar da natureza, sob as bênçãos da deusa-mãe, Elizabete estava para sempre ligada à divindade.

Foi a primeira vez que sua mãe permitiu que participasse do ritual sagrado ao lado da romãzeira, no quintal, tendo como companhia a lua e as estrelas, que estendiam seus braços cálidos, num abraço profundo, macio e eterno.

A partir daquele momento, Elizabete poderia participar do ritual das sacerdotisas, como um tributo à vida e em gratidão à sua lembrança.

Dona Nena, sua mãe, também fora iniciada como ela por sua avó, numa noite onde os mistérios sagrados desciam do céu em lufadas de vento, purificando o ar e abençoando a terra.

Nem mesmo o melhor observador ou a mente mais criativa poderia imaginar que Elizabete, com seus cabelos escuros, longos, levemente anelados, olhos cor de âmbar, enfeitados por longos negros cílios, e um sorriso fácil de criança que está sempre à vontade, pertenceria à linhagem da sacerdotisa-mãe.